

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE ARTES

BACHARELADO EM ARTES VISUAIS

Samantha Alixandrino de Borba

**AVES TRAFICADAS: capitalismo e consumo em questionamento**

Porto Alegre

2021

Samantha Alixandrino de Borba

## **AVES TRAFICADAS: capitalismo e consumo em questionamento**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado para a obtenção do título  
de Bacharel em Artes Visuais, pela  
Universidade Federal do Rio Grande  
do Sul.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Alessandra  
Lucia Bochio

Porto Alegre

2021

### CIP - Catalogação na Publicação

Borba, Samantha Alixandrino de  
Aves traficadas: capitalismo e consumo em  
questionamento / Samantha Alixandrino de Borba. --  
2021.  
51 f.  
Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Alessandra Lucia Bochio.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto  
de Artes, Curso de Artes Visuais, Porto Alegre, BR-RS,  
2021.

1. Arte. 2. Política. 3. Crise ambiental. 4.  
Tráfico de aves. 5. Videoinstalação. I. Bochio, Prof<sup>a</sup>  
Dr<sup>a</sup> Alessandra Lucia, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os  
dados fornecidos pelo(a) autor(a).|

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à minha orientadora, professora Alessandra, por trazer à luz tantos novos questionamentos para a minha bagagem e também por compreender os desafios pessoais que essa nova bagagem me traz.

Agradeço aos meus amigos Anna Bárbara Queiroz, Gisele Sauthier e Rodimeu Mancho pelas conversas e questionamentos em relação às minhas próprias perspectivas sobre respeito e coletividade.

A todos os meus amigos que auxiliaram na realização do meu trabalho de conclusão de curso, contribuindo com ideias, participações, referências, palavras e afetos.

Dedico esse trabalho ao Félix e ao Tim, por me aceitarem como tutora e por compartilharem do mesmo espaço comigo.

E quanto aos animais? São conscientes? Têm experiências subjetivas? É aceitável que se obrigue um cavalo a trabalhar até cair de exaustão? Como já foi observado, as ciências biológicas afirmam atualmente que todos os mamíferos e todas as aves, e pelo menos alguns répteis e peixes, apresentam sensações e emoções. Contudo, as teorias mais recentes sustentam também que sensações e emoções são algoritmos de processamento de dados bioquímicos. Já sabemos que computadores e robôs processam dados sem ter nenhuma experiência subjetiva; será que isso funciona da mesma maneira com animais? (HARARI, 2015).

## **RESUMO**

Esta pesquisa visa relacionar arte e política, a partir da criação de um trabalho artístico que aborda mais especificamente o tráfico de aves e o consumo, a fim de provocar no público uma reflexão a respeito da sua relação com os recursos naturais da Terra. Nesse sentido, este trabalho tem como objetivos específicos: 1) identificar uma visão anticapitalista e decolonial nas Artes Visuais a partir de referências artísticas; e 2) traçar um paralelo entre o encarceramento de aves e os maus tratos animais com os hábitos de consumo associados à exploração dos recursos naturais da Terra, a partir da criação artística.

**Palavras-chave:** Arte. Política. Crise ambiental. Tráfico de aves. Videoinstalação.

<b>LISTA DE FIGURAS</b>	
<b>Figuras 1 e 2</b> Estudo: “Caixa de tráfico de aves”	18
<b>Figura 3</b> Detalhe da vídeo-performance: "Lixo humano"	18
<b>Figuras 4, 5 e 6</b> Trecho do documentário - participações	19
<b>Figuras 7 e 8</b> Caixa de tráfico (escultura, exterior e interior)	19
<b>Figuras 9, 10 e 11</b> Materiais utilizados na instalação	21
<b>Figuras 12 e 13</b> “Baba Antropofágica”, de Lygia Clark	33
<b>Figura 14</b> ”Túnel”, de Lygia Clark	34
<b>Figura 15</b> “Supercomplexo Metropolitano Expandido”, de Guerreiro do Divino Amor	37
<b>Figura 16</b> “Deep Down Tidal”, de Tabita Rezaire	38
<b>Figuras 17 e 18</b> “Deep Down Tidal”, de Tabita Rezaire	40

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	10
<b>CAPÍTULO 1</b>	15
1.1 Atravessamentos da videoinstalação	15
1.2 Emulando o tráfico de aves	16
<b>CAPÍTULO 2 - COMPREENDENDO A ESTRUTURA</b>	26
2.1 Anestesiados e aprisionados pelos prazeres do capitalismo	26
<b>CAPÍTULO 3 - OS REFERENCIAIS ARTÍSTICOS</b>	32
3.1 O sensorio, nas obras de Lygia Clark	32
3.2 Poder, consumo e decolonialismo nas obras de Tabita Rezaire e Guerreiro do Divino Amor	36
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	42
<b>REFERÊNCIAS</b>	49

## INTRODUÇÃO

Recentemente, políticas neoliberais e de extrema-direita se fortaleceram ao redor do mundo. Suas pautas, ao confrontarem os ativismos progressistas, são um retrocesso que transforma todas as conquistas das lutas de ativistas políticos, sociais e da causa ambiental, em mais um episódio na história brasileira de uma luta pelo simples reconhecimento histórico e científico. No ano de 2021, não é difícil encontrar tentativas de pautar a votação de projetos de lei retrógrados e de cunho conservador no Brasil. Por exemplo, a Assembleia Legislativa de São Paulo teve de derrubar o projeto de lei que tentava proibir propagandas com conteúdo LGBTQIA+<sup>1</sup>.

Neste país, políticos produzem artigos em que classificam o aquecimento global como um "discurso apocalíptico para barrar o progresso" (HOLANDA, 2019) e essa política de destruição, sob esse tipo de discurso, despreza completamente os órgãos de fiscalização ambiental e legisla afrouxando as regras, de modo a favorecer a grilagem de terras, o desmatamento e a queimada de florestas, a destruição de mananciais e bacias hidrográficas e a emissão de CO<sub>2</sub> na atmosfera.

É uma crise socioambiental sem precedentes.

No livro publicado pela Editora Petrus, em 2013, *Psicose Ambientalista: os bastidores do Ecoterrorismo para implantar uma "religião" ecológica, igualitária e anticristã*, Dom Bertrand de Orleans e Bragança, o autointitulado "príncipe imperial do Brasil", alega, entre muitos outros argumentos sem qualquer embasamento, desonestidade de cientistas por, segundo o autor, espalharem caos sobre informações relacionadas às questões climáticas, ou que o derretimento das calotas polares no Ártico não seria nocivo para o planeta. É um ensaio irresponsável sem qualquer comprometimento com a pesquisa e que tem um público consumidor cativo. Bertrand representa a essência da elite brasileira, sendo esta aristocrática, exclusivista, negacionista da ciência, racista, conservadora e que está ligada ao agronegócio. Tem alcance nas redes sociais e em canais de YouTube da extrema direita, bem como em grupos de mensagens numerosos, espalhados em redes sociais como WhatsApp e Telegram. Possui uma base de apoio sólida.

---

<sup>1</sup> Disponível em:

<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,assembleia-de-sp-derruba-projeto-que-veta-propaganda-lgbt,70003696931>. Acesso realizado em 29 de abril de 2021.

Políticas ambientais me interessam profundamente, especialmente aquelas que funcionam sob uma lógica distinta a respeito do progresso daquela que temos atualmente no capitalismo: uma sociedade só progride de maneira saudável se trabalhar no equilíbrio entre o mercado e o ecossistema no qual ela está inserida. Os conjuntos de ecossistemas funcionam em cadeia e têm capacidade para incluir as sociedades em uma relação de troca bem mais saudável do que a que o sistema capitalista oferece hoje. A construção de cidades, de estradas e de grandes conglomerados humanos, deveria estar cem por cento de acordo com as políticas de preservação do ecossistema local sem extrair da Terra nem um palmo além de sua capacidade de regeneração.

Esse ideal passa longe do sistema vigente. E para que se consolide a derrubada do capitalismo, antes será preciso que se desenvolvam ideias factíveis; que se substituam as tecnologias dependentes da indústria petrolífera e da exploração de recursos naturais como áreas de reserva e bacias hidrográficas. Para alguns autores como Ailton Krenak, não há forma de romper com o sistema capitalista sem medidas radicais:

Para muita gente, na epistemologia ocidental, a ideia de outro mundo é apenas um outro mundo capitalista consertado: você pega este mundo, leva para a oficina, troca o chassi, o pára-brisa, arruma o eixo e bota para rodar mais uma vez. O mundo velho e canalha fantasiado de novo. Definitivamente, eu não estou afim de contribuir para pagar essa conta: para mim, não vale o conserto (KRENAK, 2020, p.68).

Na visão de Krenak, a exploração dos recursos naturais finitos da Terra pelo sistema capitalista é crescente e infinita: "a ecologia nasceu da preocupação com o fato de que o que buscamos na natureza é finito, mas o nosso desejo é infinito e, se o nosso desejo não tem limites, então vamos comer esse planeta todo" (KRENAK, 2020, p. 97). Mas em que lugar cada indivíduo se encontra engajado neste momento? Ostenta poder por meio de privilégios e bens? Pratica preconceitos? Ultrapassa limites éticos? Para Krenak, não há diálogo político possível sem que se entre na questão do impacto do capitalismo na vida terrestre. Para o autor, a Terra é um organismo vivo e o momento para a reversão dos problemas ambientais causados pela espécie humana no planeta é o de agora, para que se tomem decisões sem precedentes no sentido de que se evite um colapso ambiental.

A mesma dificuldade que muita gente tem em entender que a Terra é um organismo vivo, eu tenho em entender que o capitalismo é um ente com o qual podemos tratar. Ele não é um ente, mas um fenômeno que afeta a vida e o estado mental de pessoas no planeta inteiro - não vejo como dialogar com isso. Eu estou interessado é na caminhada que fazemos aqui, na busca de uma espécie de equilíbrio entre o nosso mover-se na Terra e a constante criação do mundo. Pois a criação do mundo não foi um evento como o Big Bang, mas é algo que acontece a cada momento, aqui e agora (KRENAK, 2020, p.69).

Para que o sistema capitalista da sociedade de consumo pós-Revolução Industrial se mantenha em constante crescimento, produtos e serviços precisam ser vendidos em larga escala de crescimento. A autora Sabrina Fernandes (2021) menciona teorias que preveem o fim do capitalismo, afirmando que não há como um sistema que, indiscriminadamente, extraia recursos naturais e que não se comprometa com o que for derivado dessa extração, se sustente por muitos séculos.

Um sistema que preza por acumulação infinita e depende dos recursos da natureza, que são finitos, possui uma contradição. É um sistema insustentável. Um sistema que concentra riquezas na mão de uma minoria por meio da exploração de uma maioria gera uma tensão de classe que é, a fundo, inegociável: um antagonismo de classes. Por isso, o capitalismo se apresenta como um sistema de crises. Essa leitura permite pautar o socialismo e o comunismo como sistemas de superação do capitalismo, não como meras substituições. São sistemas que devem tornar o capitalismo obsoleto ao garantir uma produção que contemple a sociedade humana (regulada com os limites da natureza) sem a contradição da exploração e da destruição. É por isso que a luta pelo socialismo não pode ser uma ideia jogada ao vento; ela exige método pautado pelas condições materiais a ser construídas. (FERNANDES, 2021, P. 64).

Uma pesquisa do Instituto Datafolha mostra que 85% dos brasileiros reconhecem a mudança climática como uma realidade; 72% deles reconhecem que as mudanças ocorrem em decorrência da atividade humana (GARCIA, 2019). Chegaremos ao século XXII? Se possuímos a informação, por que resistimos em mudar os nossos hábitos e consumos no intuito de reverter os problemas climáticos que estão colocando em xeque o bem estar – e a vida – de toda a humanidade num futuro relativamente próximo? Nossos hábitos cotidianos têm poder de influência na crise ambiental? Se sim, de que maneira?

Pautar o anticapitalismo é um desafio mais do que urgente. Como sociedade, precisamos aprender a reconhecer o lugar do outro. Porém, a despolitização, o

desinteresse por assuntos relacionados à coletividade ou ao bem comum e a prática massiva de manipulações políticas interferem diretamente na cultura cosmopolita. Enquanto na política brasileira é possível ver andar a passos muito lentos os projetos que deveriam ser pautas prioritárias – e o meio ambiente é, sem dúvida, uma delas –, os problemas causados pelo descontrole do capitalismo passam diante dos nossos olhos e poucas pessoas parecem estar profundamente interessadas no assunto a ponto de direcionarem-se a trabalhar pela estabilização dos problemas ambientais com justiça social. Para que aconteça essa transformação no pensamento coletivo, será necessário fortalecer os ativismos e educação sócio-ambientais no intuito de que se revertam os desmontes ocasionados por políticas que viabilizam a expansão do agronegócio. Estaríamos nós anestesiados?

Este trabalho pretende tocar em algumas dessas questões por meio da prática artística aliada à reflexão teórica. Com isso, pretende-se relacionar arte e política, focando, mais especificamente, no tráfico de aves e nas questões relacionadas às nossas necessidades de consumo.

A intenção da presente pesquisa não é a de buscar respostas ou resoluções, mas sim propor uma reflexão, no sentido de buscarmos, juntos, novos caminhos para a obsolescência de sistemas que corroem a nossa existência na Terra e que são bem estruturados socialmente, como o patriarcado, o conservadorismo, a desigualdade social e preconceitos enraizados como o racismo e a LGBTfobia, assim como ambientalmente, como a destruição de políticas públicas que visam facilitar a degradação de florestas, bacias hidrográficas e comunidades de povos indígenas. Com isso, a videoinstalação *Aves Traficadas* faz uma crítica à opressão das grandes corporações e a como reagimos às publicidades que nos bombardeiam cotidianamente, ao lixo que geramos e que jamais enxergamos porque nos habituamos a conviver com ele. Tudo isso acaba sendo uma construção que interfere em incontáveis camadas das nossas vidas, no modo como vamos consumir, nos relacionar, lidar com a nossa autoimagem, com os nossos descartes, etc.

O objetivo aqui é proporcionar uma experiência artística na qual o participante é encapsulado em uma caixa de tráfico de aves, como se fosse uma mercadoria. A cápsula é fechada, aquecida internamente e possui apenas alguns furos para a

respiração, na intenção de simular uma caixa de tráfico de aves real. Não há espaço para se movimentar dentro dela. Sons de outras aves podem ser ouvidos de diversos pontos de dentro e de fora da caixa, que é inteira construída com materiais reaproveitados e embalagens de produtos que já foram consumidos.

A experiência artística foi transformada em um vídeo documentário que relata a imersão de alguns participantes na obra, bem como questiona os nossos hábitos de consumo; é um diálogo que acaba se transformando em um compartilhamento de ideias dos participantes com as poéticas experimentadas por mim como artista no mais recente período de três anos.

## CAPÍTULO 1

A ave, na gaiola, não canta: lamenta (Provérbio indiano)

### 1.1 Atravessamentos da videoinstalação

A intenção da videoinstalação *Aves Traficadas* é trazer discussões sócio-ambientais que perpassam a minha vida e que, de alguma maneira, acabam impactando também ao público que é atravessado por questionamentos semelhantes ou iguais aos meus. Quero propor novas reflexões por meio de provocações sob contextos sinestésicos, físicos e emocionais, que são subjetivos. O espectador irá colocar-se no lugar de um animal aprisionado, assustado. É coerente que nos sintamos igualmente assustados com as políticas que visem trazer impactos negativos ao bem estar de maiorias minorizadas, bem como com relação à ingerência das questões de meio ambiente e da pandemia da Covid-19 no Brasil de 2021, que acabam impactando a vida de todos.

Há uma conotação política explícita na obra, que toca na questão da obsolescência do sistema capitalista, propondo ao participante, por meio da exploração do sensorio, um auto-questionamento a respeito dos próprios ativismos e dos próprios consumos.

A linguagem que escolhi foi a reflexão presente no vídeo localizado no interior da cápsula, que, por sua vez, simboliza a caixa de tráfico de aves. A instalação então propõe uma experiência guiada, que se dá pelo vídeo que está rodando: a personagem do vídeo existe em um fundo que se alterna entre as ondas do mar, cenas de animais sendo traficados e cenas dos exageros do sistema capitalista, numa explícita intenção de lembrar o participante da nossa convivência com o excesso. A ideia de inserir as imagens costeiras partiu de uma imagem em especial que me chocou: trata-se de uma ilha de lixo que flutua no Mar do Caribe, entre as costas da Honduras e da Guatemala; uma camada de objetos descartados que periodicamente chega às praias e que, ultimamente, tornou-se uma fonte de tensão nas relações bilaterais entre os dois países por conta do impacto irreversível no ecossistema local.

O vídeo tem a duração de seis minutos e propõe uma experiência sensorial àquelas/es que acessam a caixa de tráfico de aves. Ao entrar, o vídeo estará em

*looping* e o espectador é frequentemente situado a que veio ao mesmo tempo em que é também convidado a sentar-se confortavelmente para relaxar o seu corpo. No áudio, não há qualquer referência direta ao tráfico de aves. Esta se dá por outras informações, como as imagens de fundo da condução da sessão, a sensação de claustrofobia causada pelo calor, pelo aperto, pela escuridão e pelo estímulo tátil causado pelo excesso de lixo no interior da obra, que compõe a crítica ao consumo de animais extraídos de ambientes selvagens e também a toda forma de consumo extrativista, predatório e escravizador.

É uma crítica à forma como o capitalismo sufoca e oprime. A experiência da reflexão proposta, em razão disso, busca emular a lógica de uma ave traficada: o espectador está trancado em uma caixa criada com embalagens de papelão e plástico; tudo está escuro e ele está cercado por garrafas pets, caixas e redes plásticas, assim como pela sensação de existirem, no mesmo ambiente, outros animais em sofrimento, vivos e mortos. No interior da cápsula, há poluição sinestésica: excesso de calor, excesso de imagens, excesso de sons por toda parte. O espectador da obra é frequentemente convidado a cerrar seus olhos e a imaginar-se como uma ave; com o corpo de uma ave, com a simulação da lógica de uma ave a partir de referências humanas sobre o que é ser uma ave traficada no século XXI.

## **1.2 Emulando o tráfico de aves**

O presente trabalho partiu da criação de uma videoinstalação, que ao longo desta pesquisa se transformou, passando de uma imersão virtual, por conta da necessidade de distanciamento social no período da Covid-19, para uma experiência com participantes interagindo com a obra - após o afrouxamento das regras de distanciamento, ocasionado pela vacinação e imunização dos participantes -, gerando, assim, um vídeo que apresenta esse último percurso da produção artística desta pesquisa e que é o resultado da participação do público no período pós-isolamento. Ele se desenvolve a partir da investigação sobre as percepções dos participantes a respeito do cerceamento de suas liberdades e/ou de seus aprisionamentos pessoais, de acordo com suas próprias percepções sobre a videoinstalação. Para não cair em clichês ao falar em *lockdown*, distanciamento social e isolamento, o documentário foi pensado no sentido de se buscar uma definição individual de cada participante em seu contexto mais íntimo sobre se sentir aprisionado, então, questiona-se: *em que contexto*

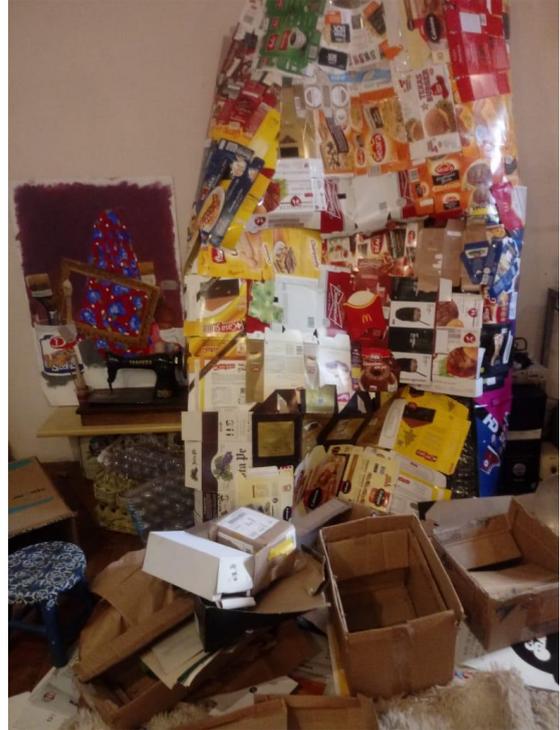
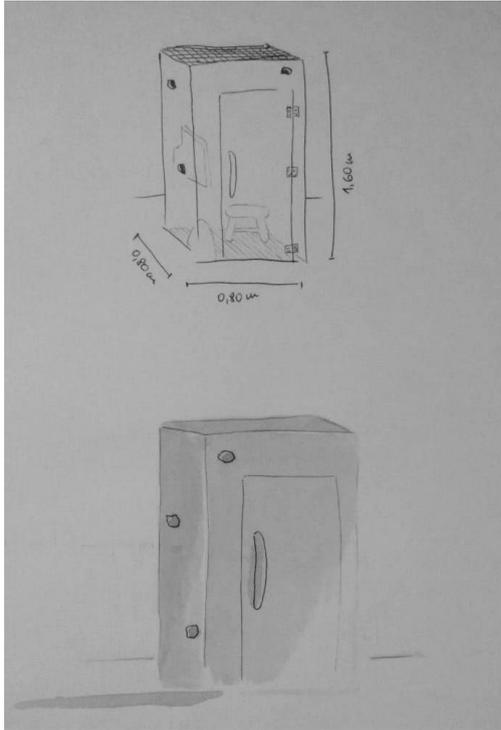
*você se percebe aprisionado? Você se considera vítima do consumo? Como você acha que o capitalismo coopta os seus interesses, desejos e anseios? Você se sente livre dentro do sistema capitalista?*

O roteiro do documentário surge como uma pseudo roda de conversa em meio a uma também pseudo natureza em *chroma key*, com uma estética artificial e sintética, em contraste com a defesa explícita ao meio ambiente e à natureza social única de cada indivíduo que se expôs e que aceitou participar da interação com a obra.

A linguagem utilizada para compor a estética do trabalho, tanto da videoinstalação quanto do documentário, foi a do acúmulo, da colagem, da poluição sensorial, do tosco e da precariedade. Essa linguagem está relacionada a um aspecto político fundamental: este trabalho se comunica de maneira irônica com as “normas” do marketing e do mercado capitalista. Não há beleza. O que há, na vida e na obra, é acúmulo de lixo e sufocamento.

A videoinstalação é composta por uma cápsula, acessível ao público, com um sistema de sons e um vídeo em *loop*. Essa cápsula foi construída usando embalagens vazias de produtos consumidos pela artista ao longo de cinco anos. O material foi recolhido, selecionado, higienizado e os símbolos das marcas foram cobertos. O objetivo ao usar as embalagens acumuladas ao longo dos anos é não somente tornar a obra ambientalmente correta, praticando o reaproveitamento do lixo (que é um dos meus principais ativismos), mas também criticar a cultura de consumo que explora e que traz consequências severas à sociedade contemporânea e ao meio ambiente.

No interior da cápsula há um vídeo rodando. O espectador pode assistir ao vídeo pelo tempo que considerar. Trata-se de uma experiência solitária e claustrofóbica: não é possível conversar com alguém de dentro da instalação, pois é isolada acusticamente e os sons dos pássaros estão configurados em volume alto; porém o participante tem sempre a ciência de que há uma pessoa zelando por ele na parte externa da obra.



**FIGURAS 1 e 2** - Estudo: "Caixa de tráfico de aves" e caixa (em montagem)



**FIGURA 3** - trecho do vídeo, detalhe da vídeo-performance: lixo produzido por humano



**FIGURAS 4, 5 e 6** - trecho do documentário - participações



**FIGURAS 7 e 8** - Caixa de tráfico - externa e interna

O trabalho traz a ave como metáfora, como vítima de tráfico e chegando aos centros urbanos aprisionada, para que seres humanos possam ostentar sua beleza. O hábito de aprisionar aves esteve presente na minha família durante toda a minha infância. Os canários do meu avô, o papagaio brasileiro adquirido pelo meu padrasto que um dia quase fugiu por minha culpa e que então, depois desse evento, passou a viver pelo resto de seus dias aprisionado em uma gaiola... as histórias de crianças com aves em gaiolas nas décadas de 1980 e 90 são comuns. No documentário, há o pedido para que as pessoas relatem suas histórias sobre o seus convívios com aves silvestres engaioladas. Percebe-se com isso que a cultura de prender aves silvestres

ainda se faz presente, porém, já é um hábito em obsolescência. Infelizmente há quem ainda o mantenha e que siga alimentando a rede de tráfico de aves, que no Brasil assume números expressivos.

Nove em cada dez aves traficadas chegam vivas ao seu destino final<sup>2</sup> e a prática de ostentação de aves leva também ao crescimento dos crimes de maus tratos. O tráfico de animais silvestres tem pena de 6 a 12 meses de detenção ou multa, enquanto a prática de abuso e maus tratos a animais no Brasil é punida com pena de reclusão de dois a cinco anos, além de multa e a proibição de guarda. O crime de maus tratos a animais consta no artigo 32 da Lei de Crimes Ambientais 9.605/98, conforme Lei n. 9.605 de 12 de fevereiro de 1998<sup>3</sup>.

A ave transformada em ornamento foi escolhida como representação semiótica com a intenção de “brincar” com o clichê da suposta liberdade das aves. Ao fazer uso da cápsula para a imersão dos participantes, objetiva-se a reflexão sobre a nossa própria perspectiva em relação ao uso dos recursos naturais da Terra. Assim, o participante é convidado a passar pelo desconforto de uma ave que é vítima de tráfico, sendo estimulado de maneira sinestésica. A intenção da instalação é persuadir o público a ter de lidar com a agonia, com o sufocamento e com certo constrangimento. Ao mesmo tempo, toda a pesquisa opera no sentido de se contrapor a uma ideia neoliberal de liberdade individual, a partir justamente de uma sensação de aprisionamento e de claustrofobia. A obra tem muito a ver com os meus enfrentamentos pessoais.

Do início da idealização deste trabalho, passando por minha forma de lidar com os produtos que adquiri, com o consumo, com o lixo gerado, com os animais e com as pessoas com quem interagi, até o presente momento, fui sendo transformada gradativamente, por dentro e, junto comigo a pesquisa e o trabalho artístico. É como se esta pesquisa despertasse em mim um genuíno interesse em investigar a palavra respeito em todas as suas roupagens. Enquanto acumulava uma quantidade enorme de embalagens para produção da cápsula da videoinstalação, observava a quantidade de alimentos que ingeria, a quantidade de carne que consumia, a quantidade de

---

<sup>2</sup> Disponível em:

[https://ambientes.ambientebrasil.com.br/fauna/trafico\\_de\\_animais\\_silvestres/trafico\\_de\\_animais\\_silvestres.html](https://ambientes.ambientebrasil.com.br/fauna/trafico_de_animais_silvestres/trafico_de_animais_silvestres.html) Acesso em dezembro de 2021

<sup>3</sup> Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9605.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9605.htm). Último acesso em 9 de novembro de 2021

produtos supérfluos que comprava. Foi crescendo algo estranho dentro de mim, que precisava conter aquele sistema desenfreado de consumo dentro da minha própria casa. Eu sentia que estava fazendo parte de um ciclo vicioso e que pertencia a mim - somente a mim - a possibilidade de quebrar com a corrente que me amarrava aos meus padrões de consumo mais enraizados.

Neste mesmo período, quando passei a reunir embalagens e rolos de papel higiênico, comecei a observar melhor também o meu próprio lixo. O meu apartamento todo ficou tomado de embalagens e rolos e, eu tive de conviver, durante alguns anos, com tudo aquilo que restava que eu mesma comprava, consumia e que acabaria descartando em uma situação normal quase sem pensar. Constantemente me pegava repetindo para mim mesma a frase “não existe ‘jogar fora’”. Senti, de alguma maneira, que não seria uma experiência completa se eu seguisse adiante com este projeto sem administrar o meu próprio lixo.

Em quantas categorias eu conseguiria separá-lo? Como poderia ter conhecimento de para onde está sendo encaminhada cada categoria do meu descarte, se ele será reaproveitado ou se será destinado a algum aterro sanitário, sendo que moro na zona central de uma capital que só aproveita 6% de seu lixo reciclável<sup>4</sup>? Como eu poderia gerar um menor volume de descarte por mês, de forma a repensar sobre a minha geração de lixo do período atual para frente?



**FIGURAS 9, 10 e 11** - materiais utilizados na instalação

Essas passaram a ser perguntas corriqueiras e, quando me dei conta, estava separando o lixo em onze diferentes categorias, direcionando meus rejeitos à coleta seletiva com mais cuidado; embalando lixo orgânico em sacolas de papel, conversando com catadores para combinar dia e horário de recolhimento para algumas categorias,

<sup>4</sup> Informação disponível em: [https://sul21.com.br/caminhos-do-lixoz\\_areazero/2020/02/com-separacao-incorreta-baixo-preco-de-venda-e-coleta-clandestina-porto-alegre-so-recicla-6-do-lixo/](https://sul21.com.br/caminhos-do-lixoz_areazero/2020/02/com-separacao-incorreta-baixo-preco-de-venda-e-coleta-clandestina-porto-alegre-so-recicla-6-do-lixo/) acessada em 23/10/2021

negando sacolas plásticas e embalagens desnecessárias e comprando o máximo possível em feiras de produtores rurais que vendessem alimentos à granel.

Em todo o período idealizando este projeto, fiquei tentada a me aprofundar em muitos temas. O foco do trabalho foi se transformando. A estratégia foi direcioná-lo para a questão ambiental, especificamente no que se refere à apropriação de seres vivos pelo sistema capitalista, o tráfico de aves e a objetificação de seres vivos, passando pela deterioração de ecossistemas para transformar espécies da fauna em meros ornamentos, porém sempre tendo em mente a interseccionalidade, termo que me ajuda a perceber como as questões e atravessamentos desta pesquisa estão todas conectadas. É parte fundamental desta pesquisa promover um alerta para que se coloque na agenda a urgência do questionamento à responsabilidade de recusar qualquer hierarquia ou prioridade na luta contra toda forma de opressão em seus mais diversos formatos, como opressão de gênero, de raça, de classe social, de etnia ou de religião, despertando essa reflexão sobre a estrutura do sistema capitalista que não permite que enxerguemos o tamanho dos problemas sociais e ambientais que temos de enfrentar, tendo em mente que nenhuma luta contra a opressão é excludente das outras e que a luta por direitos de apenas alguns grupos específicos é equivocada: a luta contra a opressão precisa ser coletiva e interseccional (HOLLANDA, 2019). Minha luta pessoal é feminista, de classe social pobre, de descendência indígena. É, portanto, uma luta decolonialista e interseccional.

Curiosamente, a primeira vez que o termo [interseccionalidade] foi usado, com o sentido que o feminismo empregou, se deu na área jurídica. Kimberlé Crenshaw, advogada, professora da Universidade da Califórnia de Los Angeles (UCLA) e fundadora do Centro de Estudos em Interseccionalidade e Políticas Sociais da Universidade de Columbia introduz, no direito, a teoria interseccional, ou seja, o estudo de como a sobreposição ou a intersecção de identidades sociais, particularmente das identidades minoritárias, são diretamente relacionadas aos sistemas e estruturas da dominação e da discriminação. Inicialmente as teorias interseccionais são desenvolvidas, portanto, para uso em tribunais e julgamentos que não fariam justiça se privilegiassem apenas uma das discriminações sofridas pelas partes em litígio (HOLLANDA, 2019. p.17)

Compreendo que essa não é uma tarefa fácil e que não é possível abarcar a todos os entraves desse sistema vigente em um único trabalho. A intenção é, por meio da videoinstalação, convidar o espectador a se colocar no lugar de uma ave traficada. Ali, de corpo presente, enquanto assiste ao vídeo, o participante é convidado a

considerar a presença de uma estrutura por trás de toda ave traficada e de todo o caminho que aquela ave percorreu até ali; um caminho historicamente colonizado e repleto de exploração socioambiental. Nesse percurso, a semiótica da ave - como símbolo de liberdade amplamente difundido - aprisionada e transformada em mercadoria é trazida para provocar uma reflexão acerca da nossa relação com os recursos naturais e com o consumo.

Por sorte, no segundo semestre de 2021, após a ampliação do sistema vacinal para a covid-19 nas faixas etárias dos meus amigos e familiares, pude finalmente encaminhar o convite aos participantes para a atividade de imersão à videoinstalação e posterior documentação em vídeo de suas experiências com esta. O convite foi entregue na primeira semana de setembro de 2021 e dizia o seguinte:

*A videoinstalação Aves Traficadas emula uma caixa de tráfico de aves. Essa caixa é feita com embalagens de produtos consumidos nos últimos anos que eu fui amontoando em minha casa. A experiência da videoinstalação é uma imersão, onde o espectador estará dentro de uma caixa, onde há um vídeo em looping. Esse vídeo é uma experiência de reflexão onde o espectador é convidado constantemente a relaxar e a se sentir dentro de uma outra interface na própria instalação. É um objeto escultórico junto com o vídeo. A videoinstalação propõe - através de linguagem abstrata - uma reflexão aos nossos consumos e ao aprisionamento a padrões da sociedade de consumo, que nos transforma em um número totalmente dependente do sistema e paradoxalmente irrelevante para ele. É adotado o uso de elementos semióticos na obra e a proposta é de reflexão sobre a maneira como somos imersos a um sistema que muitas vezes somos incapazes de enxergar.*

*Na entrevista haverá um questionamento filosófico por conta do momento em que estamos vivendo, num país como o Brasil, que se torna conservador na segunda década do século XXI com o aumento exponencial do número de igrejas cristãs evangélicas já sistematizado nas décadas anteriores e que hoje detém o poder. As igrejas evangélicas se opõem aos templos de matriz africana - que têm intensa atividade não apenas no Brasil, como também em muitos países colonizados da América Latina - e a semiótica tem esse papel de remeter a elementos simbólicos na presente obra, como a personagem Iemanjá, que no sincretismo brasileiro é Nossa Senhora dos Navegantes, buscando a discussão frontal sobre a estrutura da*

*colonialidade em nossos cotidianos, nossos rituais, nossas sexualidades e nossas experiências de cor e classe. A obra também quer conversar sobre o peso da colonialidade em nosso dia a dia, justamente porque o nosso pensamento é induzido repetidamente pelo colonizador a manter-se colonizado, com o pensamento individualista e massificado.*

*Somente atacando incisivamente a cultura opressora do colonizador é que vamos conseguir promover uma desconstrução direta na sociedade de consumo que atualmente permite que o capitalismo cada vez mais coopte a autonomia das pautas ativistas, enquanto perpetua práticas ambientais insustentáveis, como a escravização de outros indivíduos, o trabalho infantil, o machismo, a misoginia, a lgbtfobia, o racismo e até o nazismo em seu sistema. O corrente trabalho ecoa como uma súplica para que se discuta o nosso papel dentro desse sistema e como promover mudanças hoje para usufruirmos, a longo prazo, de uma qualidade de vida aliada a um sistema viável. É preciso que se retire do academicismo as conversas sobre decolonialidade, que a obra saia do ambiente do museu, que se traga para a roda de discussão com nossos amigos e familiares, resgatando o pensamento coletivo através de um novo pensar e agir sobre as estruturas de poder que nos mantêm viciados e que nos transformam em meros produtos. Somos consumidores apenas para manter a máquina do capitalismo crescendo. Consumidores úteis. E quando a máquina do capitalismo não precisa mais de nós, somos descartados. É necessário que se critique e que haja o posicionamento daqueles que são contrários a esse sistema de crescimento descontrolado que explora, absorvendo recursos naturais e seres vivos como se não passassem de meros números.*

*Não há crescimento infinito em um planeta finito.*

*O pensamento radical acontece em todo o trabalho, que propõe que pensemos em novas propostas socioambientais para que a espécie humana chegue ao século XXII em pleno vigor social, ambiental, tecnológico e humanitário.*

*A imersão na videoinstalação acontecerá entre os dias 10 de setembro e 15 de outubro de 2021. Participe!*

Esse vídeo tem o propósito de documentar a experiência vivida por cada um dos participantes, proveniente de suas trajetórias sociais e bagagens socioambientais

próprias, abordando a questão do cerceamento das liberdades individuais por conta do sistema capitalista ao qual pertencemos. A ideia do vídeo é a de realizar uma entrevista àqueles que se dispuseram a participar da imersão, relatando as suas experiências paralelas entre as suas vidas e a obra, assim como a existência das aves traficadas e as suas vivências com essa realidade de aprisionamento dentro da sociedade de consumo, de maneira literal ou simbólica.

## CAPÍTULO 2 - COMPREENDENDO A ESTRUTURA

Este capítulo visa compreender alguns aspectos políticos, sociais e ambientais do sistema capitalista, sem a pretensão de esgotar o tema, mas para entendê-lo enquanto macroestrutura e contexto para este trabalho. Será traçada uma linha que vai conectar algumas motivações para a realização desta pesquisa: por meio do símbolo da ave, discorre-se sobre aspectos da sociedade capitalista brasileira e algumas de suas formas de consumo. Se a impressão que temos é a de que tudo na sociedade capitalista pode ser capitalizado, de comportamentos a personalidades, passando por produtos e serviços, até os próprios seres vivos, a crítica desta pesquisa então é contra um sistema amplo e complexo, que acessa a vida, inclusive de quem não deseja fazer parte dele.

### 2.1 Anestesiados e aprisionados pelos prazeres do capitalismo

O pensamento vazio dos brancos não consegue conviver com a ideia de viver à toa no mundo, acham que o trabalho é a razão da existência. Eles escravizaram tanto os outros, que agora precisam escravizar a si mesmos. Não podem parar e experimentar a vida como um dom e o mundo como um lugar maravilhoso. O mundo possível que a gente pode compartilhar não tem que ser um inferno, pode ser bom. Eles ficam horrorizados com isso, e dizem que somos preguiçosos, que não quisemos nos civilizar. Como se "civilizar-se" fosse um destino. Isso é uma religião lá deles: a religião da civilização. Mudam de repertório, mas repetem a dança, e a coreografia é a mesma: um pisar duro sobre a Terra. A nossa é pisar leve, bem leve (KRENAK, 2020, p. 113).

O sentimento disseminado pelo mundo capitalista é o de que seria mais fácil a humanidade imaginar o fim do mundo do que o fim do sistema capitalista, pois este seria o único sistema político e econômico viável (FISHER, 2020, p.15). Então, quer dizer que não há outra alternativa? O grande problema do sistema capitalista é que o consumo desenfreado e a necessidade de mais exploração dos recursos naturais acabam corroendo o próprio sistema de dentro para fora, sendo ele o causador de seu próprio colapso. Não há crescimento infinito quando há recursos finitos. Assim, os limites acabam jamais sendo fixados e sim redefinidos sempre de maneira pragmática e ao mesmo tempo improvisada, o que faz deste sistema "um híbrido entre o ultramoderno e o arcaico" (FISHER, 2020, p. 15), nas palavras de Mark Fisher em *Realismo Capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?*.

Após ter contato com a obra *Se quiser mudar o mundo: Um guia político para quem se importa* (2021), da autora Sabrina Fernandes, iniciei uma jornada para a compreensão de que existem, sim, alternativas para uma possível obsolescência e substituição do sistema atual. Uma passagem desse livro explica que as relações de consumo são apenas parte da solução e não a solução em si:

Como são vários padrões de consumo diferentes distribuídos de forma desigual ao redor do mundo, não adianta fazer uma abordagem simplesmente focada no consumo. É necessário mexer na produção, em especial no sistema econômico que alimenta um ciclo de produção infinita, para consumo infinito, para acumulação infinita por parte dos donos dos meios de produção. Isso significa que, enquanto alteramos formas de consumir, a produção segue em parte como antes e em parte se adapta a novas demandas de mercado. A produção como um todo não passa a ser sustentável com essa mudança na demanda, mas cria um nicho de produção "verde" desde que seja, na maioria, atrelada a lucro. A contradição do sistema é mantida e, se a contradição sistêmica persevera, não há como fugir, individualmente, da contradição formal e simbólica de ser contra a ordem vigente enquanto ela vigora (FERNANDES, 2020, p.14).

Trata-se, assim, de um problema estrutural e o combate a esse problema precisa partir de um enfrentamento também às estruturas do sistema. Conforme David Harvey, em *17 Contradições e o fim do capitalismo*:

O crescimento do complexo beneficente-industrial reflete sobretudo a necessidade de ampliar a "lavagem de consciência" de uma oligarquia mundial que, apesar da estagnação econômica que vivemos, duplicou sua riqueza e seu poder em poucos anos. O trabalho dessas ONGs têm feito muito pouco ou quase nada para resolver a degradação e a espoliação dos indivíduos ou a proliferação da degradação ambiental. Isso é um problema estrutural, porque se exige que as organizações que combatem a pobreza façam seu trabalho sem intervir na acumulação perpétua de riqueza, da qual tiram seu próprio sustento. Se todo mundo que trabalha para uma organização de combate à pobreza assumisse da noite para o dia uma política contra a riqueza, em pouco tempo estaríamos vivendo num mundo muito diferente (HARVEY, 2016, p.265).

Conforme Antonio Bispo (2015), para que mude o sistema, é preciso que se modifique a nossa lógica e modo de olhar para as questões sociais e ambientais:

As manifestações culturais dos povos eurocristãos monoteístas geralmente são organizadas em uma estrutura vertical, com regras estatisticamente pré-definidas, número limitado de participantes classificados por sexo, faixa etária, grau de habilidade, divididos em times e/ou equipes, segmentadas do

coletivo para o indivíduo (onde o talento individual costuma ser mais valorizado do que o trabalho em equipe) e em permanente estado de competitividade. (...) As manifestações culturais dos povos afro-pindorâmicos pagãos politeístas são organizadas geralmente em estruturas circulares com participantes de ambos os sexos, de diversas faixas etárias e um número ilimitado de participantes. As atividades são organizadas por fundamentos e princípios filosóficos comunitários que são verdadeiros ensinamentos de vida. É por isso que no lugar dos juízes, temos as mestras e os mestres na condução dessas atividades. As pessoas que assistem, ao invés de torcerem, podem participar das mais diversas maneiras e, no final, a manifestação é a grande vencedora, porque se desenvolveu de forma integrada, do individual para o coletivo (onde as ações e atividades desenvolvidas por cada pessoa são uma expressão das tradições de vida e de sabedoria da comunidade) (SANTOS, 2015. p.41).

Observando a comparação entre as duas formas de organização social a partir de suas atividades em grupo, o senso de comunidade vem diretamente ao meu encontro, como artista, para pensar o meu projeto artístico como um instrumento de sociabilização e de reflexão em grupo. Por esse motivo, a realização de um vídeo que registra e documenta a experiência dos primeiros participantes na obra foi tão importante para que existisse esse entendimento de que a videoinstalação precisa ser visitada, acessada e usufruída de forma a atingir o máximo de pessoas possível, a partir da disponibilização do vídeo na internet, mesmo após o encerramento total das atividades na instalação. Foi imprescindível trazer os espectadores para dentro da obra de arte e, após, disponibilizar o vídeo na rede, para que ela completasse o seu ciclo.

A necessidade de ruptura com a visão capitalista impõe urgência, a partir de um projeto de futuro possível para a humanidade que alie propostas para uma sociedade inclusiva e sustentável. Essa acabou sendo a abordagem da videoinstalação e também do documentário: chamar a atenção para a relação atual da sociedade com os ecossistemas, que causa o desequilíbrio ambiental e as consequências que podem já ser sentidas na pele. A temperatura média na Terra está mais quente, os habitats estão desaparecendo, as espécies da fauna e da flora entram em extinção em número alarmante ano após ano, ao mesmo tempo em que as desigualdades sociais só crescem. Do mesmo modo que anualmente cresce a produção de alimentos no mundo, devido ao uso de tecnologia de ponta na agricultura, é cada vez maior a fatia da população que vive em vulnerabilidade alimentar.

O uso excessivo e sem precedentes de substâncias tóxicas para o controle de pragas em lavouras, por exemplo, é defendido pelos ruralistas com o argumento de

que não há forma de produzir alimento para humanos e para o gado em larga escala sem a utilização desses venenos para combater as pragas no agronegócio.

Entretanto, as lavouras orgânicas de arroz e de feijão seguem ocupando as prateleiras de supermercados e feiras de produtores rurais de maneira crescente, bem como os legumes, as frutas e as verduras da estação, mesmo quando a agenda do Governo Federal na gestão em 2021 caminha no sentido contrário ao cultivo de orgânicos. O aumento do uso de agrotóxicos pesticidas se trata de um problema de saúde pública de longo prazo, assim como acaba com espécies de peixes, aves e insetos (como as abelhas, por exemplo, que são essenciais para a polinização), contribuindo para a aceleração da mudança climática e ainda favorecendo o aumento de pragas resistentes (MARTINS, 2016).

O Brasil é um grande produtor de *commodities*. Um contraste que se pode notar, é que cada brasileiro coloca fora 40 quilos de alimento todos os anos. Isso é comida para alimentar quase dois Brasis diariamente (KAFRUNI, 2018). Cerca de 70% da produção agrícola brasileira serve para alimentar o gado e não para consumo humano. Um boi ou uma vaca se alimentam de muito mais pasto, em termos de área de plantio, do que uma pessoa em idade adulta.

A integração lavoura-pecuária-floresta (ILPF) é uma estratégia de produção que vem crescendo no Brasil nos últimos anos. Trata-se da utilização de diferentes sistemas produtivos, agrícolas, pecuários e florestais dentro de uma mesma área. Pode ser feita em cultivo consorciado, em sucessão ou em rotação, de forma que haja benefício mútuo para todas as atividades.

Esta forma de sistema integrado busca otimizar o uso da terra, elevando os patamares de produtividade em uma mesma área, usando melhor os insumos, diversificando a produção e gerando mais renda e emprego. Tudo isso, de maneira ambientalmente correta, com baixa emissão de gases causadores de efeito estufa ou mesmo com mitigação desses gases (EMBRAPA, 2021<sup>5</sup>).

O território brasileiro é um celeiro gigantesco. O agronegócio é um modelo de negócio nocivo para o meio ambiente. Mas é preciso ressaltar que culpabilizar o consumidor final pela exploração de recursos naturais é um argumento superficial que não resolve o problema a partir da raiz: para que cada pessoa possa comer 200g de carne por dia, 80 litros diários de água potável são utilizados por gado, o que

---

<sup>5</sup> Disponível em: <<https://www.embrapa.br/tema-integracao-lavoura-pecuaria-floresta-ilpf>>, último acesso em 9 de novembro de 2021

representa um mês inteiro de banho médio de 10 minutos para cada pessoa. Ou seja: não adianta encurtar o tempo do nosso banho; é preciso lutar contra um sistema predatório do qual somos consumidores. A fonte desses dados é do documentário *Cowspiracy* (2014), de Kip Andersen e Keegan Kuhn. O capitalismo não consegue cumprir com a meta de alimentar a todos os humanos, todos os dias, porque se trata de um sistema que, na prática, vive do mercado atrelado ao valor das *commodities* em dólar, que se nutre da precariedade de uma camada social desprivilegiada. Isso significa que, para que poucos tenham excessivos privilégios, muitos precisarão ter pouco acesso, ou acesso restrito a privilégios.

Para Sabrina Fernandes (2021), sem a implementação do ecossocialismo e sua manutenção pelo poder público e pela visão comum de sociedade, não se pode pensar em um convívio saudável das espécies com um sistema de lucro crescente e desenfreado em curso.

Um processo assim é difícil, e é por isso que a gente deve observar as contradições presentes na realidade. Algumas contradições são resultado da coincidência entre A (o momento em que mudamos as coisas) e B (os problemas se renovam, se adaptam, ressurgem). Ao mesmo tempo que (A) agricultores do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) conquistam mais espaço como produtores de alimentos orgânicos, (B) o governo brasileiro permite novos e maior variedade de agrotóxicos na produção agrícola. Essas são contradições do sistema, as quais permitem que os problemas se renovem e nunca sejam completamente contornados (FERNANDES, 2021 p. 21).

As consequências do aumento da temperatura na Terra não são menos alarmantes. Estamos diante de um colapso e pouco ou quase nada até então foi realizado pelas nações mais poluidoras no sentido de buscar a redução da emissão de CO<sub>2</sub> - e o Brasil está entre elas.

23% das emissões antropogênicas (de atividade humana) são provenientes da pecuária. Somado à queima de CO<sub>2</sub> dos combustíveis fósseis, que é a principal causa das emissões, a humanidade libera na atmosfera terrestre 40 bilhões de toneladas de CO<sub>2</sub> por ano. Na projeção, os cálculos de aumento de temperatura são de 2 a 3 graus Celsius para 2050, contando a partir do início da Revolução Industrial (NATURAL GAS, 2019).

Crises ambientais e de eventos naturais estão sendo e serão cada vez mais frequentes, podendo ocasionar, em decorrência dessas mudanças, um grande processo de migração civilizatória das populações que vivem na linha do Equador em

direção ao que hoje chamamos de zonas equatoriais e pólos, o que conseqüentemente poderá causar ainda maiores problemas sociais e ambientais.

O Secretariado da Convenção das Nações Unidas de Luta contra a Desertificação adverte que, até 2030, 135 milhões de pessoas estarão em risco de deslocamento por causa da desertificação, com a perspectiva de que 60 milhões migrem da África Subsaariana para o Norte da África e para a Europa. As previsões mostram que as regiões áridas e semiáridas seriam as mais afetadas pela desertificação e pelos movimentos populacionais. Populações rurais, que dependem de meios de subsistência pastoris, da agricultura e de recursos naturais, estarão altamente expostas devido às vulnerabilidades existentes, incluindo pobreza, baixos níveis de educação, falta de investimentos, longas distâncias e isolamento (UNESCO, 2017).

## CAPÍTULO 3 - OS REFERENCIAIS ARTÍSTICOS

### 3.1 O sensório, nas obras de Lygia Clark

A instalação visa a participação ativa do público por meio do seu engajamento corpóreo. Este passa a fazer parte da obra, imergindo em uma sensação de pertencimento, que acaba se transformando em uma experiência reflexiva. Uma perspectiva diferente sobre o próprio corpo é a tônica da experiência da videoinstalação *Aves Traficadas*, que é influenciada diretamente por dois trabalhos de Lygia Clark. A cápsula, que é uma escultura que proporciona a total interação do público, é inspirada nas obras *Túnel* (1973) e *Baba Antropofágica* (1973).

Lygia Clark foi uma não-artista, conforme ela própria se intitulava, brasileira, contemporânea e pertencente ao movimento antropofágico. Trabalhou com *body-art* e instalações artísticas que buscavam despertar os instintos e as reflexões sobre o sensório. Aliou a arte à terapia, a partir de objetos manuseáveis, que juntava ou recolhia da natureza. Esses objetos passavam a assumir poderes imprevisíveis: eram chamados por Lygia de Objetos Sensoriais e, na medida em que a artista integrava corpo e arte, promovia a ampliação das percepções e propunha múltiplas possibilidades em seus trabalhos artísticos, de forma coletiva ou individual, em um visceral vínculo com a vida.

Lygia Clark solicitava em suas obras a participação ativa do público, a partir de seus próprios corpos e percepções. Seu trabalho inspira justamente por criar uma experiência sensorial que se relaciona com a ideia de que o corpo na obra se trata de um reduto de resistência. A artista abriu caminho para a relação entre arte e política por meio da exploração do sensório. Conforme Fabrini:

A ação do participante, que dissocia o cotidiano da indiferença, é um exercício de antiautoritarismo que cria novas formas de relacionamento; é uma experiência que, negando os "quadros de contestação tradicional", opõe os poderes do corpo à previsão das condutas. Lygia, acreditando com Michael Foucault que o "poder é mais complicado, muito mais denso e difuso do que um conjunto de leis ou aparelhos de Estado", apreendeu a "realidade política" das "micro-relações" sociais que não cessam jamais de se deslocar. Frente à "disciplina", ao "conjunto de técnicas pelas quais os sistemas de poder vão ter por alvo e resultado os indivíduos em sua singularidade", contrapôs suas micro-sociedades, autênticos redutos de resistência à inserção dos corpos em um espaço individuador e classificatório. Contra a tecnologia da distribuição espacial dos indivíduos (na escola, no

hospital, no exército, etc.) reagiu com a arte da invenção de novos espaços (FABBRINI, 1994, p.163).

As obras *Túnel* e *Baba Antropofágica* são oriundas da reação e também da invenção de novos espaços e percepções sobre o corpo e o sensorio na arte. É sobre calar e sentir, mas também sobre se expressar e frequentar zonas mentais que despertam para além da experiência artística.

*Baba Antropofágica* foi uma proposição artística que consistia em construir uma espécie de “teia” com pedaços de fios unidos pela baba dos participantes, de dentro para fora do corpo.



**FIGURAS 12 e 13** - “Baba Antropofágica” FABBRINI, Ricardo Nascimento. **O Espaço de Lygia Clark** – 1ª ed. – São Paulo, SP: Atlas, 1994.

Na obra *Túnel*, Clark reuniu alguns de seus estudantes para participarem da instalação. Alguns se arrastaram pelo interior de um rolo de tecido de 50 metros de comprimento que aderira ao corpo como uma meia, enquanto outros participantes os auxiliavam no trajeto. Há algo de claustrofóbico nesse processo. Também envolve sentimentos de empatia e confiança, porque alguns participantes, de fora, podiam ajudar os de dentro do túnel, abrindo espaços para sua respiração: se algum dos participantes do interior experimentasse alguma sensação de abafamento, outro, externo ao “túnel”, realizava um corte com tesoura no local onde se encontrava o participante agoniado, permitindo que ele voltasse a ganhar novo fôlego para percorrer o restante do “túnel”.

A referência a Lygia Clark está presente desde o início do projeto *Aves Traficadas*. A princípio a ideia era gerar incômodo. Eu tinha a intenção de provocar os limites dos espectadores, fato que foi abrandado com o tempo. O acesso à caixa de tráfico de aves, além de sensorial, convida à reflexão. Enquanto Clark pensava no auxílio do outro para que fosse possível percorrer o túnel, a caixa de tráfico de aves pretende gerar um aprisionamento claustrofóbico, confuso, quente e insalubre em uma experiência solitária. A crítica está justamente no transtorno criado. Ao sair da cápsula, o alívio do corpo oprimido (por livrar-se do desconforto) segue acompanhado daquilo que a obra pretende transmitir.



**FIGURA 14** - *Túnel*, de Lygia Clark. 1973. FABBRINI, Ricardo Nascimento. **O Espaço de Lygia Clark** – 1ª ed. – São Paulo, SP: Atlas, 1994.

A artista Lygia Clark abriu espaço nos anos 1960 e 70 para pensarmos na relação entre política e arte, a partir do próprio questionamento da arte, e dos seus meios e da exploração do sensorial para além da relação retilínea das artes visuais. Ao avançar para 2019, identificamos uma forte compreensão política e social nos trabalhos dos artistas Tabita Rezaire e Guerreiro do Divino Amor. Rezaire traz uma visão anticapitalista e decolonial, por meio do vídeo, para explorar as relações entre

arte e política, enquanto *Divino Amor*, a partir da linguagem da internet, aborda uma narrativa irônica sobre a estrutura geopolítica das cidades brasileiras. Em ambos, a arte é impactada por seus atravessamentos e expressá-los se trata de uma escolha.

A partir da primeira avaliação desta pesquisa, tive contato com o projeto *Lanternas Flutuantes: práticas artísticas de participação comunitária com habitantes das ilhas no bairro Arquipélagos em Porto Alegre, na era do Antropoceno* (2014-2017), de Ricardo Moreno. Decidi modificar a apresentação oriunda desta pesquisa, no sentido de repensar o formato para um documentário disponibilizado online à banca e à comunidade, abrangendo, assim, um maior número de pessoas a ter acesso, mesmo que virtual, à videoinstalação. A questão do acesso restrito à videoinstalação durante a pandemia de Covid-19 era um fato que me angustiava e foi no projeto *Lanternas Flutuantes* que acabei encontrando uma saída para esse impasse: manter a obra viva e ativa em um documentário faria com que a mensagem não se apagasse após a sua defesa.

O trabalho *Lanternas Flutuantes* traz uma reflexão sobre a participação de pessoas distantes do meio da arte e há essa identificação com minha proposta em *Aves Traficadas*: ampliar os espaços artísticos ou de ativismos socioambientais, ampliando também, com isso, a discussão. O argumento utilizado no projeto *Lanternas Flutuantes* é de que as práticas artísticas se constituem como uma estratégia de trabalho que permite construir, coletivamente, neste caso específico, uma obra de arte que envolve os conhecimentos e esforços feitos em comunidade. Apropriei-me, de certa maneira, desta ideia, ao solicitar com que os participantes da obra fizessem também parte do documentário. As experiências pessoais dos participantes são de extrema importância para a obra e também para embasar os argumentos utilizados na minha pesquisa. É preciso notar que na prática artística da instalação não existe obra sem público.

Esse projeto me chamou a atenção também por abordar a questão do Antropoceno, que, apesar de eu não tratar diretamente sobre esse termo, é um dos motes centrais da presente pesquisa, já que discute as mudanças climáticas e os ativismos socioambientais derivados delas. Além disso, esta pesquisa e *Lanternas Flutuantes* têm a intenção explícita de levantar discussões a respeito das nossas ações

pessoais para um futuro com qualidade de vida para toda a coletividade (humanidade e demais espécies da fauna e da flora).

### **3.2 Poder, consumo e decolonialismo nas obras de Tabita Rezaire e Guerreiro do Divino Amor**

A criação do vídeo, que está dentro cápsula da instalação, foi influenciada pelas obras *Deep Down Tidal* (2017), de Tabita Rezaire e *Supercomplexo Metropolitano Expandido* (2018), Guerreiro do Divino Amor.

Guerreiro do Divino Amor<sup>6</sup> é um artista paulistano. Mestre em Arquitetura, é também um dos fundadores do bloco Bunytos de Corpo<sup>7</sup>, que faz sátiras de culto ao corpo e à beleza. Sua pesquisa explora as *Superficcões* como forças ocultas que interferem na construção do território e do imaginário coletivo. O artista constrói um universo de ficção científica a partir de fragmentos de realidade, tomando forma de filmes, publicações e instalações. Suas obras têm em comum a crítica e o despertar de reflexão sobre aspectos da atualidade utilizando-se do sarcasmo e da ironia.

A obra que foi utilizada como referência para a construção do presente trabalho chama-se *Supercomplexo Metropolitano Expandido*<sup>8</sup> (2019). Foi vencedora do Prêmio Pipa de 2019 e faz parte de uma série de vídeos intitulada *Superficcões*, que são estudos com reflexões estéticas. Esse vídeo especificamente trabalha com a crítica política, como a questão da meritocracia e da ascensão social usando as figuras de Silvio Santos e de João Dória como "totens" de uma grande e complexa máquina, que é o sistema capitalista e todos os seus mecanismos de poder. O projeto iniciou como uma pesquisa científica sobre a guerra econômica, social, racial e religiosa para o controle dos territórios e das populações e passou do texto para a colagem, trabalhando com imagens poéticas e buscando diversos parâmetros históricos, sociais e culturais para a análise das cidades. O artista buscou usar uma linguagem acessível, no intuito de atingir o máximo de pessoas possível, pois desejava difundir amplamente sua obra dentro do ambiente da internet.

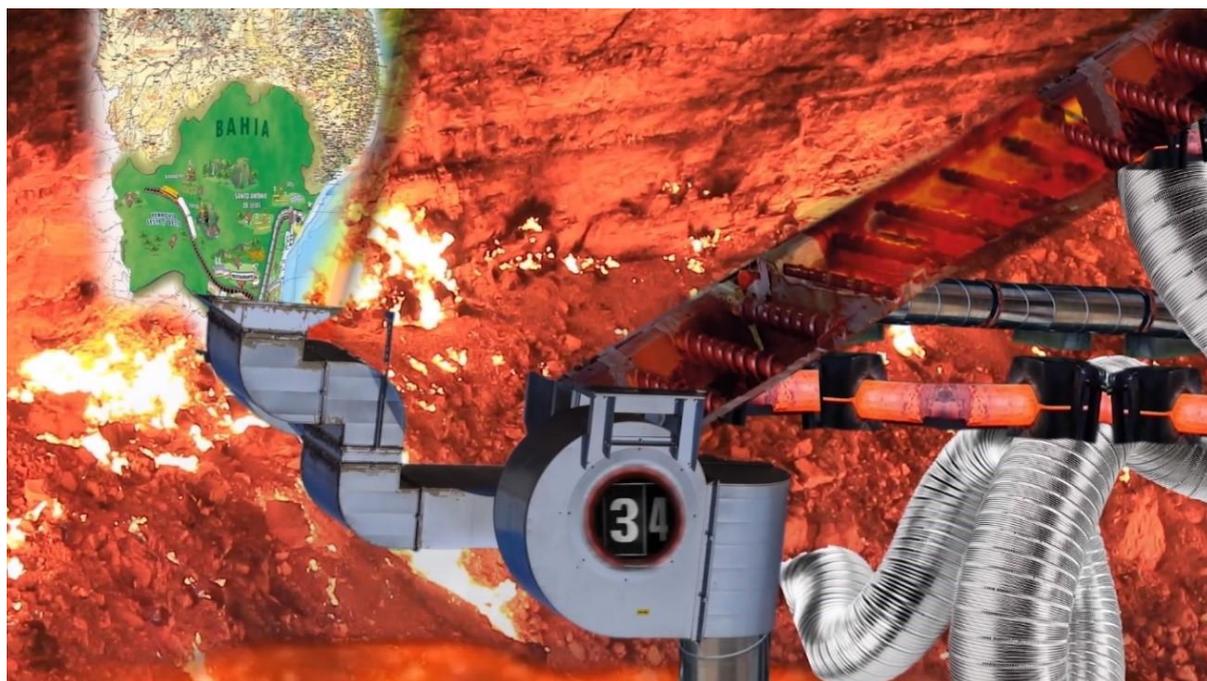
---

<sup>6</sup> Website oficial: <<https://www.guerreirodivinoamor.com/>>. Último acesso em 9 de novembro de 2021

<sup>7</sup> Website oficial: <<https://www.blocosderua.com/rio-de-janeiro/blocos/bunytos-de-corpo/>> Último acesso em 12 de novembro de 2021

<sup>8</sup> Vídeo disponível em: <<https://vimeo.com/282598894>> Último acesso em 9 de novembro de 2021

*Supercomplexo Metropolitano Expandido*, assim como o vídeo de *Aves Traficadas*, compreende a complexidade das relações de poder, da fé e do mercado, a partir de uma linguagem irônica, que visa estabelecer certa dinâmica de ruptura com os padrões estéticos. Ambos fazem uma analogia imagética com a linguagem da internet e com os memes. A escolha estética desafia as convenções do bom gosto, do belo, do tradicional, do sofisticado e se aproxima do pop, da publicidade, da internet e da televisão.



**FIGURA 15** - trecho do vídeo “Supercomplexo Metropolitano Expandido”

Tabita Rezaire é uma artista franco-guianesa. Seu trabalho artístico oferece uma reflexão interessante para ampliar as discussões sobre decolonialidade. Navegando em arquiteturas de poder, ela mergulha em imaginários científicos para lidar com a matriz pervasiva da colonialidade e os protocolos de desalinhamento energético que afetam nossos corpos-mentes-espíritos num despertar de consciência sobre a sociedade de consumo e uma crítica ao pensamento colonialista. Provoca o espectador sobre as consequências da tecnologia e aborda questões geopolíticas como a destinação do lixo eletrônico de países desenvolvidos ou das rotas de cabeamento para a internet que seguem as mesmas rotas da colonização. A principal obra que foi utilizada como referência chama-se *Deep Down Tidal*<sup>9</sup> [No Fundo das

<sup>9</sup> Vídeo disponível em: <<https://vimeo.com/248887185>>. Último acesso em 9 de novembro de 2021.

Marés], que participou da exposição Campos de Invisibilidade<sup>10</sup>, sob a curadoria de Cláudio Bueno e Ligia Nobre em São Paulo, no ano de 2019.



FIGURA 16 - trecho do vídeo *Deep Down Tidal*

Segundo o Dicionário Michaelis, a palavra "poder" significa: capacidade, superação, qualidade superior, disposição, permissão, autorização, autoridade, oportunidade, controle, domínio, força, vontade, habilidade de execução e influência. Originou-se a partir do termo em latim *possum*, que significa "ser capaz de". A palavra poder pode ser aplicada em diversas áreas. Para mim, poder e colonialismo são sintomas de comportamentos predatórios. Baseio-me nessa definição a partir de Krenak:

Cada indivíduo dessa civilização que veio para saquear o mundo indígena é um agente ativo dessa predação. E estão crentes de que estão fazendo a coisa certa. Talvez o que incomode muito os brancos seja o fato de o povo indígena não admitir a propriedade privada como fundamento. É um princípio epistemológico (KRENAK, 2020, p. 114).

De-colonialismo ou decolonialismo é um termo relativamente novo. A partir de uma sugestão de Catherine Walsh em *Interculturalidade crítica e Pedagogia Decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver* (2009), a utilização da expressão "decolonial" com a supressão do "s" (de descolonial), marca a distinção entre a proposta de rompimento com a colonialidade em seus múltiplos aspectos e a ideia de processo histórico de descolonização via libertação das antigas metrópoles. O termo levanta a necessidade de uma releitura de narrativas nacionais para detectar a ausência de representações e de narrativas das comunidades subalternas, destacando os ameríndios e os afro-descendentes.

<sup>10</sup> Website da exposição: <<https://camposdeinvisibilidade.org/>>. Último acesso em 9 de novembro de 2021.

É importante ressaltar como seus trabalhos dão um sentido prático e concreto às lutas de descolonização, libertação e humanização, concebidas tanto em termos individuais como coletivos. Nesse sentido, ao apresentar a descolonização não simplesmente como problema político, mas como uma prática pedagógica de intervenção que implica a criação de homens novos, Fanon dá as bases vertebrais para se pensar pedagogicamente o de-colonial como aposta de existência-vida (WALSH, 2009, p. 31).

A colonialidade é um padrão de poder que não se limita às relações formais de exploração ou de dominação colonial, mas envolve também as diversas formas pelas quais as relações intersubjetivas se articulam a partir de posições de domínio e subalternidade – destacadamente de viés racial - e as formas de colonialidade se encontram ainda muito presentes, enraizadas no nosso cotidiano. Os chamados estudos decoloniais abordam justamente os efeitos ainda presentes do processo de colonização.

O trabalho artístico busca trazer uma reflexão sobre transformar seres vivos em mercadorias, assim como causas sócio-ambientais em “moda” que invisibilizam movimentos sociais e de luta ambiental. O espaço da arte contemporânea pode abraçar essa crítica, podendo ampliar ainda mais os seus espaços de atuação na luta socioambiental. Tabita Rezaire é minha principal referência no vídeo justamente pelo papel crítico que desempenha, tecendo narrativas cosmológicas espirituais, conforme menciona em *Deep Down Tidal* (2017), políticas e tecnologias sobre a água e seu papel de força na comunicação exploratória e colonizadora. A obra de Rezaire parte dos estudos sobre decolonialidade para investigar os imaginários científicos para lidar com a matriz difusa da colonialidade que afeta nossos espíritos-mente-corpo. A artista discute o colonialismo eletrônico, abordando como este mantém o sistema capitalista, bem como opera para sustentar a dependência de alguns países do sul global, devido à importação de tecnologias digitais e também ao controle de informações.

Em determinados pontos de *Deep Down Tidal*, Tabita Rezaire usa frases como “nossa água está traumatizada”, referindo-se aos percursos do cabeamento de internet que são os mesmos percursos utilizados pelos navios escravagistas dos séculos XVII, XVIII e XIX, numa alusão ao fato de a água “ter memória” e “carregar dados consigo”. O vídeo aborda o fato de que os caminhos percorridos pelos cabos de internet de fibra óptica no piso oceânico serem os mesmos das rotas dos navios que partiam da Europa em direção aos países colonizados e representa de maneira

semiótica que nossa comunicação atual é construída a partir das rotas da escravidão e da exploração. O trabalho de Rezaire demonstra a fisicalidade das tecnologias digitais e suas consequências materiais, sociais, políticas e ambientais. Não se trata de informações imateriais, que estão na nuvem, mas no chão dos oceanos, por onde toda a nossa informação digital é transportada. Além de tudo, não existe igualdade na distribuição do acesso à informação. A internet é distribuída de maneira exclusivista e classista.

*Deep Down Tidal* me inspira em muitos aspectos, mas principalmente quando compara o fluxo oceânico com o fluxo de água corporal: a água se lembra de tudo o que aconteceu, pois ela carrega dados, assim como faz o nosso sangue dentro do nosso corpo. Essa relação fica ainda mais evidente quando o vídeo propõe que o nosso sangue é um oceano íntimo, uma lembrança do nosso começo aquático e que nós o desrespeitamos cotidianamente. Nós conquistamos, nós poluímos, desacreditamos, exploramos, roubamos, “secamos” o planeta Terra. “A água está traumatizada”, afirma Tabita, também, porque os tubarões que seguiam a rota dos navios negreiros eram atraídos pelo sangue de corpos negros jogados ao mar. Hoje, ironicamente, os tubarões atacam os cabamentos subterrâneos da internet nos mesmos pontos e rotas de tráfico humano do passado.



FIGURAS 17 e 18 - trechos do vídeo “Deep Down Tidal”

Tanto nos trabalhos de Rezaire, quanto nos de Divino Amor, há uma preocupação em tratar das desigualdades sociais, ocasionadas pelo sistema capitalista neoliberal, bem como de consequências políticas, culturais e ambientais. É possível perceber uma crítica feita, por parte dos artistas, que, por meio de uma visão poética, expõem suas realidades políticas aliadas aos seus questionamentos íntimos, tudo isso com muita ironia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

De certa maneira, estamos presos aos nossos hábitos de consumo e é paradoxal a nossa relação com o lixo que geramos: a embalagem nos seduz e, após abri-la, a descartamos imediatamente. Há um processo manual aqui que mostra parte do percurso desse trabalho artístico: observamos a embalagem com desejo e, após o estímulo tátil de abri-la - que pode, ou não, ser um gesto vigoroso - a desprezamos em tamanho nível, que provavelmente nunca mais nos recordaremos dela. A partir da leitura de Ailton Krenak, pude enxergar melhor essa relação e compreender que não é possível viver sem deixar algum tipo de rastro.

Foi-se a ideia de que cada um deixa sua pegada individual no mundo; quando eu piso no chão, não é o meu rastro que fica, é o nosso. E é o rastro de uma humanidade desorientada, pisando fundo. Um nenenzinho no colo da mãe balança a perninha e afunda o chão. Porque esse neném, para circular no mundo que vivemos hoje, vai usar produtos de higiene, fraldas, tecidos, materiais que, em algum lugar, estão comendo a Terra. Involuntariamente ele já está predando o planeta (KRENAK, 2020, p.96).

Acredito que a mudança precisa vir coletivamente, a partir, principalmente, da promoção de políticas públicas; isso requer uma mudança drástica nas tecnologias empregadas. Um pássaro adquirido é um símbolo da vitória do capitalismo. Essa aquisição tem consequências que vão muito além da manutenção e perpetuação do sistema de tráfico de aves: é um elemento simbólico, que representa como vêm sendo gerenciadas as nossas ações socioambientais. Entretanto, a proposta deste trabalho não é resolver o problema ou tentar começar a resolver qualquer questão ambiental, justamente por acreditar que a resolução precisa partir de uma mudança radical político-cultural de larga escala, na busca pela obsolescência do sistema atual.

A obra me permitiu conviver, adentrar na estrutura do meu problema com o lixo gerado pelo meu próprio consumo. Enxerguei-me como parte do sistema colonialista, predatório e extrativista de recursos naturais: quanto petróleo eu consumi rapidamente, que agora se acumula pelo meu apartamento, ocupa um espaço que me atrapalha, me faz recolher os móveis da sala, do atelier e do quarto? A lavanderia ficou lotada de garrafas plásticas, as pilhas de papel e plástico foram ficando cada vez maiores, meu espaço foi se encolhendo e eu estive presa a tudo isso, em pleno isolamento, numa pandemia mundial.

A ave dentro da caixa, de certa maneira, sou eu. E a nossa diferença, entre mim e a ave silvestre vítima de tráfico é que eu desfruto de uma falsa sensação de liberdade - não é uma liberdade plena, visto que ainda vivo em uma sociedade misógina, repleta de múltiplos preconceitos - que a ave traficada jamais pode desfrutar. E talvez esteja fadada a esse destino até o dia de sua morte. Enquanto eu luto para que não me objetifiquem em uma sociedade de consumo cada vez mais voraz, nem me transformem em número ou descartem como indivíduo, nem ignorem que sou um ser vivo que possui emoções, a ave traficada possivelmente não terá o mesmo privilégio. E enquanto não adquirirmos, como sociedade, a consciência estrutural de que todos os seres vivos do planeta Terra devem ser tratados com respeito e que a preservação dos ecossistemas se trata de uma mudança profunda dos hábitos humanos, ainda haverá tráfico de aves e outras espécies selvagens.

Em decisão inédita, no ano de 2018 o Facebook proibiu a venda de animais em todas as suas plataformas, permitindo que os usuários denunciem vendas e que os responsáveis sejam punidos com a exclusão de suas contas. Recentemente foi abolido o uso de carroças de cavalos para carga de materiais nas grandes cidades brasileiras. A proibição foi comemorada por diversas ONGs e sociedades protetoras de animais; entretanto, o caminho dessa luta é longo e a proibição abre espaço para uma discussão que precisa ser estendida para outros municípios brasileiros e também para mais lugares do mundo. Essa causa abrange, ainda, a extinção do uso de animais como entretenimento em rodeios e gineteadas<sup>11</sup>, ou em touradas (como no caso da Espanha). No ano de 2019, a Índia proibiu pássaros em gaiolas; o Camboja pretende abolir o turismo com elefantes e o Canadá proibiu, em decisão inédita no mundo, que baleias e golfinhos sejam mantidos em cativeiro para entretenimento do público de parques aquáticos em todo o país. São ações positivas, mas pontuais.

Os cientistas classificam o período atual como Antropoceno<sup>12</sup>. As estatísticas sobre a interferência humana na vida de outras espécies de seres vivos de 40 mil anos até o Antropoceno puderam ser medidas, pela primeira vez, em um levantamento realizado pelo Weizmann Institute of Science de Israel, publicado pelo Proceedings of the National Academy of Sciences. O resultado foi alarmante: a humanidade já matou

---

<sup>11</sup> Montar bem a cavalo; montar em cavalo arisco ou xucro. Fazer o cavalo corcovear. Aguentar firme na sela os corcovos do animal (GINETEADA, 2020)

<sup>12</sup> Teoria popularizada pelo cientista atmosférico holandês Paul Crutzen, vencedor do Nobel de Química em 1995, usado pela primeira vez em uma publicação do Programa Internacional da Geosfera-Biosfera em 2000.

83% dos mamíferos selvagens e metade de todas as plantas do mundo. Estamos causando a extinção massiva de abelhas, que são as maiores responsáveis pela polinização em todo o planeta Terra: sem as abelhas, não haverá condições de se manter a vida.

A redução da biodiversidade, as rápidas mudanças climáticas, a homogeneização da biogeografia e dos ecossistemas causados por bioinvasões mediadas por ações humanas e os efeitos visíveis e sensoriais das mudanças climáticas me levaram a pensar na função socioambiental da arte no período do Antropoceno. O projeto artístico que apresento busca por poéticas relacionadas à sustentabilidade em ambiente social urbano, que é o meu ambiente atual, com uma abordagem voltada ao ativismo ambiental dentro da cidade, que vai desde a função social da obra de arte até o seu destino final como material reutilizado (e todo o percurso entre esses dois pontos). A ideia do documentário é promover uma interação entre os membros do meu grupo social de fora do meio das Artes Visuais e a obra de arte, respeitando os protocolos de distanciamento social exigidos no período da pandemia de Covid-19 em plena interação com a poética da obra em si.

Na luta pelo bem estar animal, grupos de proteção do mundo todo conquistam, pouco a pouco, pequenas vitórias que vão desde a proibição de testes em animais para cosméticos e para a indústria farmacêutica, até o uso de animais para puro e simples entretenimento humano. Porém, a mercantilização de seres vivos ainda está muito longe de ter fim; a questão é mais complexa do que parece. Por muito tempo, por exemplo, popularmente se acreditou (e há quem ainda acredite) que os animais não sentem dor porque não racionalizam a dor. Então, me remeto ao aprisionamento de pássaros, símbolo central dessa pesquisa. Prender pássaros em pleno século XXI é uma crueldade culturalmente aceita, assim como o desmatamento de *habitats*, assim como a poluição de rios e de oceanos e assim como a grilagem de terras dentro de territórios indígenas.

Ao engaiolar pássaros, os seres humanos estão privando esses indivíduos de sua principal característica que é voar. Volto à experiência de aprisionamento trazida pela videoinstalação: isso fere todo o contexto existencial das aves aprisionadas, que são perpetuamente impedidas de acessar a sua mais evidente característica para nós, humanos, que é o direito à liberdade de simplesmente poder bater asas e se deslocar

voando. Juntamente com as abelhas, as aves são polinizadoras, que fertilizam e dispersam sementes, em um equilíbrio delicado no processo de semear vida. Portanto, a extinção de espécies polinizadoras pode provocar a aceleração do processo de extinção em massa de todas as demais espécies de vida do planeta nos próximos anos.

A Revolução Agrícola foi assim uma revolução tanto econômica quanto religiosa. Novos tipos de relações econômicas emergiram juntamente com novos tipos de crenças religiosas que justificavam a exploração brutal de animais. Esse processo antigo pode ser testemunhado ainda hoje quando as últimas comunidades restantes de caçadores-coletores adotam a agricultura. Nos anos recentes, os caçadores-coletores Nayaka, do sul da Índia, adotaram algumas práticas agrícolas como a de criação de gado, de galinhas, e o cultivo do chá. Não é de surpreender que também tenham adquirido novas atitudes em relação a animais, e que adotem também posturas diferentes para animais (e plantas) domésticos em comparação com organismos selvagens (HARARI, 2016, p.103).

Nas redes sociais, como Facebook, Twitter e Instagram de passarinheiros ou de denúncias a práticas de crimes ambientais relacionados a aves traficadas, é possível ler comentários de internautas que defendem o aprisionamento de espécies selvagens como uma forma de manutenção dessas espécies, evitando, assim, a extinção das mesmas.

A melhor forma de manutenção da vida das espécies é justamente contribuir com políticas de preservação do habitat desses animais, associando o poder público à sociedade civil. Isso seria resolver a estrutura do problema e não o seu sintoma, como propõe a situação anterior, que acaba defendendo como direito dessas pessoas a liberdade de criar, em cativeiro, espécies que jamais teriam condições de sobrevivência na natureza da maneira como os seres humanos interferem em toda a cadeia de ecossistemas. A diferença está no destino dessas espécies: enquanto os ambientalistas defendem a ideia de reintegrar, no futuro, esses animais à natureza, os passarinheiros e colecionadores defendem o cativeiro e a venda das aves e demais animais silvestres para viveiros ou zoológicos particulares, no intuito de mantê-las longe da extinção na natureza. A diferença é que a retirada das espécies de seus ambientes naturais e a criação desses animais em cativeiro influencia no bem estar animal e no equilíbrio dos ecossistemas<sup>13</sup>: o animal, dependendo da espécie, pode ter

---

<sup>13</sup> Disponível em:

<<https://www.icmbio.gov.br/portal/ultimas-noticias/4905- trafico-de-animais-contribui-para-extincao-de-especie-s>> Último acesso em 12 de novembro de 2021

um difícil processo de reintegração à natureza e também a ausência de determinadas espécies em seus *habitats* pode provocar explosões demográficas de outras espécies que antes serviam de alimento ou que eram suas predadoras naturais, além do perigo das espécies invasoras.

Durante a pandemia de Covid-19, que fez parte do período que compreende esta pesquisa, pudemos sentir na pele os efeitos psicológicos da sensação de aprisionamento nos períodos de *lockdown* e também relacionados ao distanciamento social, que permanecem até o momento da redação deste trabalho. Quem teve o privilégio de ficar em casa no período de mitigação do contágio na pandemia (pré-vacina), não foi diretamente impactado pela campanha exaustiva do governo federal na gestão Jair Bolsonaro,.. que clamava aos brasileiros de classes sociais mais baixas para que ocupassem as ruas e retornassem ao trabalho, no intuito de "salvar a economia". A vida, para essa gestão, foi colocada em segundo plano no quesito prioridade. Se com a vida humana há total descaso, o que podemos dizer do tratamento que o governo atual dá à vida selvagem?

A sensação que muitos de nós tivemos foi a de que estávamos sendo empurrados para a morte. Fomos transformados em meros números, sendo estimulados por este grupo de capitalistas neoliberais interesseiros de ocasião (políticos, empresários e poderosos da comunicação) a fazer parte de um projeto de contaminação em massa, denominado como "imunidade de rebanho"<sup>14</sup> - um nome bastante sugestivo para ilustrar esse argumento de que somos apenas números para o capitalismo. E não houve qualquer embasamento científico, nem sobre a "imunidade de rebanho", nem sobre o "tratamento precoce"<sup>15</sup>, amplamente divulgados pelo presidente Jair Bolsonaro em todo o período da Covid-19 no Brasil, tais como a Cloroquina e a Ivermectina, no intuito de estimular os cidadãos a criarem coragem para sair de casa e retomarem suas vidas.

Após a entrega do relatório do Senado Federal da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Covid-19, foram pré-atribuídos ao presidente da república 9 crimes, entre eles prevaricação, epidemia com morte, fraude de documentos, infração a

---

<sup>14</sup> Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-58559716> acesso em 6 de dezembro de 2021

<sup>15</sup> O uso de tratamento precoce com medicamentos de eficácia não comprovada contra a Covid-19 foi amplamente difundido no Brasil durante os anos de 2020 e 2021. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/tratamento-precoce-e-kit-covid-a-lamentavel-historia-do-combate-a-pandemia-no-brasil/> acesso em 6 de dezembro de 2021

medidas sanitárias preventivas e emprego irregular de verba pública, que até a presente data consta como encaminhado à 1ª instância do Ministério Público Federal dos estados, que terá a tarefa de levar à frente as apurações que envolvem também outros indiciados.

É importante mencionar aqui que o crime de genocídio de povos indígenas, que no último instante acabou não sendo incluído no referido relatório, teria sido alcançado pelo princípio da consunção, pelo artigo 7º do estatuto de Roma (Tribunal Penal Internacional). O crime de genocídio incide, neste caso, sobre um grupo humano específico, que é o de povos indígenas; logo, haveria a possibilidade de constarem, conjuntamente, dois crimes no relatório final da CPI da Covid: o crime contra a humanidade e o crime de genocídio de povos indígenas, que acabou sendo excluído, mesmo constando anexados inúmeros documentos que comprovam a omissão do governo federal no auxílio a essas populações. As medidas implementadas para proteger os povos indígenas foram tomadas somente após a ADPF-709<sup>16</sup>, que é um plano de defesa dos povos originários previsto no artigo 232 da Constituição Federal:

Os índios, suas comunidades e organizações são partes legítimas para ingressar em juízo em defesa de seus direitos e interesses, intervindo o Ministério Público em todos os atos do processo (Art. 232 da Constituição Federal, parágrafo único).

O que aconteceu no Brasil foi o agravamento de uma situação que já vinha em curso antes mesmo da pandemia de Covid-19 no Brasil. Já vinha acontecendo um verdadeiro genocídio de indígenas por causa das suas terras; eles vêm sendo dizimados por uma política anti-indigenista promovida há séculos pelo sistema capitalista que não vê utilidade prática na existência de povos defensores da floresta e que, na realidade, enxerga nos povos originários pessoas que atrapalham a expansão do agronegócio. A nossa tarefa como sociedade contemporânea é compreender o momento histórico atual e denunciar ampla e incansavelmente os excessos do capitalismo, na luta pela dignidade humana e dos ecossistemas contra esse sistema opressor que promove toda essa pobreza, destruição e morte.

A videoinstalação *Aves Traficadas* busca lançar um olhar questionador sobre a nossa sociedade por meio das experiências de aprisionamento, do sufocamento e de mal estar combinadas com o vídeo, que utiliza de linguagem política e irônica para

---

<sup>16</sup> Disponível em: <<https://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=TP&docID=754033962>>. Último acesso em 11 de novembro de 2021.

abordar a questão dos ativismos sociais e ambientais. Vidas são destinadas ao aprisionamento físico ou sistemático e estrutural, sendo que podemos evitar esse cenário de colapso se efetivarmos políticas públicas assertivas no combate aos projetos de destruição em curso, provocados pelo neoliberalismo econômico e pelo sistema capitalista. Há quem esteja neste exato momento vivendo em condições subumanas bem próximo a nós: pode ser em forma de um trabalho mal remunerado, que fere ao corpo e/ou à saúde mental do trabalhador; pode ser uma criança cortando cana de açúcar; ou mesmo indivíduos que não enxergam outra alternativa a não ser prostituírem os seus corpos; pode ser, ainda, sob a forma do racismo que oprime e que mantém, em sua maioria, a população preta de origem periférica em um sistema prisional insalubre e desumano. Os critérios sociais de classe, gênero, sexualidade e cor usados para definir quem tem e quem não tem seus direitos garantidos, continuam, desde o período da escravidão, intocados em algumas camadas da sociedade; então dívidas históricas podem acabar sendo impagáveis, caso não exista a luta constante de ativistas das causas dessas majorias que são sistematicamente minorizadas. A arte, como no caso do presente trabalho, tem a função de denunciar, apontar e buscar novas ideias para substituir sistemas enraizados. Somos nós, artistas, mulheres, assim como os indígenas, os pretos e as pretas, os LGBTQs, as populações de classes trabalhadoras, que provocamos o embate contra a opressão por meio dos nossos atos e da nossa luta. Não é momento para descansar.

A obra de arte que criei é uma forma de protesto, um levante contra toda forma de aprisionamento proveniente do sistema capitalista colonizador, seja ele em micro ou em macro escala, que afeta a vida de todos nós.

O encarceramento e a punição forneceram a prova negativa da liberdade como um padrão social [...]. Essa negação da liberdade é a exceção que prova a regra.

O capitalismo e a opressão são indissociáveis (Frases de Angela Davis, em visita ao Brasil. Evento “Democracia em Colapso?”, São Paulo, 19/10/2019).

## REFERÊNCIAS

ANTHROPOCENE, março de 2016. **The geological cycle of plastics and their use as a stratigraphic indicator of the Anthropocene**  
<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S2213305416300029> acesso em 28 de abril de 2021

ARAÚJO, Nailsa Maria Souza; E SILVA, Maria das Graças; e SANTOS, Josiane Soares: Ensaio "**Consumo consciente**": o ecocapitalismo como ideologia, R. Katál., Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 95-111, jan./jun. 2012.

BRASIL. **Lei n. 9.605 de 12 de fevereiro de 1998**. Disponível em:  
[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9605.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9605.htm). Acesso em: 11 jul. 2020.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

Documentário *Cowspiracy (2014)*, de Kip Andersen e Keegan Kuhn - Netflix

Integração Lavoura-Pecuária-Floresta. **EMBRAPA Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária pertencente ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento**, Brasil, 2021. Disponível em:  
<https://www.embrapa.br/tema-integracao-lavoura-pecuaria-floresta-ilpf>

EXCESSO de prisões preventivas superlota cadeias e fortalece o crime organizado. **Jornal da Unicamp**, 2017. Disponível em:  
<https://www.unicamp.br/unicamp/index.php/ju/noticias/2017/07/03/excesso-de-prisoas-p-reventivas-superlota-cadeias-e-fortalece-o-crime>. Acesso em: 15 out. 2020.

FABBRINI, Ricardo Nascimento. **O Espaço de Lygia Clark** – 1ª ed. – São Paulo, SP: Atlas, 1994.

FERNANDES, Sabrina. **Se quiser mudar o mundo: um guia político para quem se importa**. São Paulo: Planeta, 2020.

FISHER, Mark. **Realismo Capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?** / tradução: Rodrigo Gonsalves, Jorge Adeonato, Maikel da Silveira. [coordenação Manuela Belom, Cauê Ameni] - 1ª ed. - São Paulo: Autonomia Literária, 2020

GARCIA, Rafael. **No Brasil 85% afirmam que o planeta está se aquecendo: pesquisa Datafolha também mostra que, para 72%, origem do problema é humana**. 2019. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2019/07/no-brasil-89-afirmam-que-o-planeta-es-ta-se-aquecendo.shtml#:~:text=Na%20opini%C3%A3o%20de%2085%25%20dos,d%C3%A9cada%20passada%2C%20revela%20pesquisa%20Datafolha>. Acesso em: 10 out.2020.

GINETEADA. In: DICIO Dicionário Online de Português. 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/gineteada/#:~:text=%5BBrasil%5D%20Montar%20bem%20a%20cavalo,em%20cavalo%20arisco%20ou%20xucro>. Acesso em: 22 set. 2020.

HARVEY, David. **17 contradições e o fim do capitalismo**. Tradução Rogério Bertoni - 1ª ed. - São Paulo: Boitempo, 2016.

HARARI, Yuval Noah. **Homo Deus**: uma breve história do amanhã. tradução de Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

HOLANDA, Marianna. **Em artigo Flavio Bolsonaro e Márcio Bittar classificam aquecimento global como discurso apocalíptico**. 2019. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/coluna-do-estadao/em-artigo-flavio-bolsonaro-e-marcio-bittar-classificam-aquecimento-global-como-discurso-apocaliptico/>. Acesso em: 25 jul. 2020.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de; Audre Lorde.. et al. **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

ICMBio, Instituto Chico Mendes. **Tráfico de animais contribui para extinção de espécies, 2014**. Disponível em: <https://www.icmbio.gov.br/portal/ultimas-noticias/4905- trafico-de-animais-contribui-para-extincao-de-especies>. Acesso em 12 de novembro de 2021.

KAFRUNI, Simone. **Desperdício de alimentos chega a 1,3 milhão de toneladas no mundo**. 2018. Disponível em: [https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/economia/2018/09/14/internas\\_economia,705844/video-desperdicio-de-alimento-chega-a-1-3-milhao-de-tonelada-no-mundo.shtml](https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/economia/2018/09/14/internas_economia,705844/video-desperdicio-de-alimento-chega-a-1-3-milhao-de-tonelada-no-mundo.shtml). Acesso em: 15 out. 2020.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil** – 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MARTINS, Helen. **Uso excessivo de agrotóxicos torna as pragas das lavouras mais resistentes**. 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/economia/agronegocios/noticia/2016/06/uso-excessivo-de-agrotoxicos-torna-pragas-das-lavouras-mais-resistentes.html>. Acesso em: 14 out. 2020.

NATURAL GAS and Oil Push Up **Global CO2 Emissions in 2019'**, Global Carbon Project. 2019 Disponível em:

[https://www.globalcarbonproject.org/carbonbudget/19/files/Norway\\_CICERO\\_GCB2019.pdf](https://www.globalcarbonproject.org/carbonbudget/19/files/Norway_CICERO_GCB2019.pdf). Acesso em: 22 out. 2020.

SANTOS, Antonio Bispo dos. **Colonização, quilombos: modos e significações** - 1ª ed. - Brasília, 2015

UNESCO, Organização das Nações Unidas BR. **UNESCO adverte para risco de aumento dos refugiados ambientais devido à desertificação**. 2017.

Disponível em:

<https://brasil.un.org/pt-br/76848-unesco-adverte-para-risco-de-aumento-dos-refugiados-ambientais-devido-desertificacao>. Acesso em 12 de novembro de 2021.

WALSH, Catherine. **Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial:**

in-surgir, re-existir e re-viver; 2009 Disponível em:

file:///C:/Users/Samantha/Desktop/TCC%20VALENDO/TCC%201/Dialnet-WALSHCatherineEdPedagogiasDecoloniales-5167476.pdf Acesso em: 12 set. 2020.

---